

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Soffa
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

CADEIAS DE VALOR GLOBAIS

José Castro Caldas

O conceito de cadeia de valor foi cunhado por Michael Porter na década de 1980 para designar o encadeamento de atividades no interior de uma organização produtiva – uma organização produtiva reticular, decomposta em módulos que transformam *inputs* vindos do exterior ou de outros módulos, em *outputs* fornecidos a jusante ao longo das ligações de um processo (cadeia) em que cada módulo vai acrescentando valor aos *inputs* recebidos. Com a adoção pelas organizações produtivas, como estratégia de flexibilização e redução de custos, da subcontratação a outras organizações de serviços e produtos anteriormente atribuídos a módulos das cadeias de valor internas, a cadeia de valor concebida numa perspetiva intraorganizacional, revelou-se operativa para designar processos similares em curso no espaço relacional das organizações produtivas. Por fim, quando as cadeias de valor interorganizacionais foram perdendo a base territorial para estender a sua abrangência a múltiplas jurisdições nacionais, como parte do processo comumente designado de globalização, ao conceito de cadeia de valor foi acrescentado o adjetivo global.

Anteriormente incensadas pelas visões globalistas como portadoras de prosperidade a países “emergentes” e garantes de provisão a baixo preço nos restantes, as cadeias de valor globais (CVG), manifestaram-se no contexto da crise pandémica de COVID-19, mesmo para muitos dos seus anteriores promotores, como um problema. Face ao avanço da pandemia, os Estados Unidos da América (EUA) e países da União Europeia (UE) encontram-se subitamente privados de bens finais e de consumo intermédio essenciais na área dos cuidados de

saúde e dependentes de fornecimento externo. O resultado foi uma reviravolta súbita dos princípios livre-cambistas para os de autosuficiência estratégica. Uma das conclusões apresentadas pelo Presidente do Conselho Europeu a 23 de abril de 2020 formula de forma lapidar os termos dessa inflexão: “É de suprema importância aumentar a autonomia estratégica da União e produzir bens essenciais na Europa”.

Na realidade, a vulnerabilidade das CVG já se vinha manifestando anteriormente à crise pandémica. A operação expedita destas cadeias depende de uma ordem internacional caracterizada pelo desimpedimento dos fluxos de capitais, mercadorias e pessoas e pela segurança jurídica dos contratos e dos direitos de propriedade intelectual. As tensões no triângulo EUA-UE-China, que haviam assumido em alguns momentos proporções de guerra comercial, são claros precursores de uma crise nas CVG, agora manifesta na forma de fratura exposta.

As respostas discursivas e práticas à crise das CVG – as alternativas em presença – assumem duas modalidades. A primeira esboçada pela UE consiste na territorialização de parte da produção, nomeadamente industrial, à escala da própria União, num movimento de regresso de “campeões”, desta vez não nacionais mas europeus, que pela sua escala poderiam não só abastecer eficientemente o mercado interno como competir à escala global. A segunda é uma territorialização genuína a várias escalas – com ênfase na nacional, regional e local – orientada para a suficiência de abastecimento e a substituição dos ciclos transcontinentais pelos ciclos curtos da economia circular.